

Quando o Brasil CRESCE...

Economia - Brasil

CENÁRIO FAVORÁVEL

GOVERNO LULA SOUBE APROVEITAR O CICLO DE EXPANSÃO MUNDIAL. PAÍS DERRUBA MITOS E GANHA CONFIANÇA

VICENTE NUNES E EDNA SIMÃO
DA EQUIPE DO CORREIO

O processo de transformação do Brasil em uma economia confiável nacional e internacionalmente foi longo. O passo mais importante foi dado em 1999, quando o país se libertou do sistema de câmbio fixo e passou a seguir metas para a inflação e para o superávit primário, economia realizada pelo setor público para pagar juros da dívida. "Foi um marco", reconhece Luís Otávio de Souza Leal, economista-chefe do Banco ABC, Brasil. "O país passou a ter previsibilidade. As pessoas, mesmo nos momentos difíceis, passaram a olhar para a frente e a ver que o controle da inflação era para valer e que o tempo de pacotes, de surpresas, havia acabado", acrescenta Marcelo Carvalho, economista-chefe do Morgan Stanley. "O Brasil passou a ser visto com outros olhos pelos investidores, com enorme credibilidade", emenda Italo Lombardi, da consultoria IDEGlobal.

Mas foi a partir de 2002, com a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva para a presidência da República, que Brasil exorcizou seus maiores fantasmas. "A constatação de que um partido de esquerda também estava comprometido com a responsabilidade fiscal e com o efetivo combate à inflação foi fundamental para consolidar entre os investidores o sentimento de que realmente havia motivos para apostar no Brasil", diz Vitoria Sadi, da consultoria RGE Monitor, com sede em Nova York. Lula não apenas deixou para trás o discurso do atraso que sempre marcou seu partido, o PT, como aprimorou a política econômica que, somente em 2007, permitiu a criação de cerca de 2 milhões de empregos com carteira assinada.

Ajudado por um cenário internacional extremamente favorável — o maior ciclo de crescimento mundial em 30 anos —, o governo usou o forte ajuste nas contas externas para recompor as reservas cambiais, que totalizam US\$ 180 bilhões, quase o total da dívida externa do país. Também ampliou o superávit primário e derribou a relação entre a dívida pública e o PIB de 60% para 43%. "O país afastou de vez o risco do calote e ainda criou um seguro que o deixa mais protegido das turbulências externas", explica Carlos Thadeu Filho, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). "Foram aprimoramentos institucionais decisivos para o ciclo favorável que vivemos", acrescenta o senador Aloizio Mercadante, presidente da Comissão de Assuntos Econômicos (CAE) do Senado.

Riscos de fracasso

Os avanços são tantos que o Brasil destruiu mitos que perduraram por décadas. Ao conduzir o mais longo processo de redução de juros da história do país, entre setembro de 2005 e setembro de 2007, o Banco Central mostrou que a estabilidade econômica era possível mesmo com taxa real de um dígito — os juros estão em 7,5%. O chamado PIB potencial, o

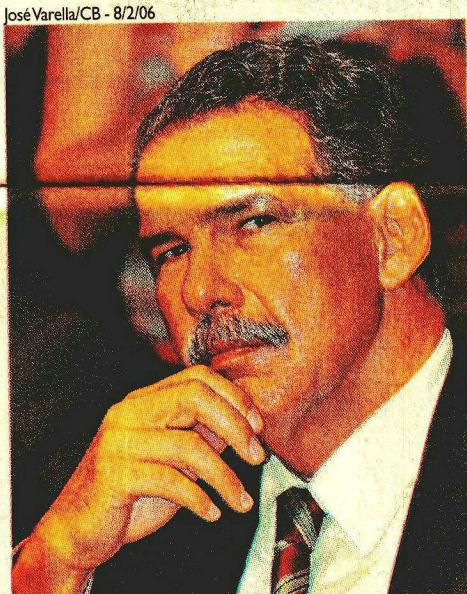
tamanho que o país poderia crescer sem trazer a inflação de volta, que muitos afirmavam ser de 3%, mostrou-se bem maior. "São surpresas como essas que estão estimulando os empresários a investirem no aumento da produção, a acreditarem que terão um mercado consumidor forte", afirma Rui Coutinho, presidente da consultoria Latin Link. "A confiança em investir está sendo facilitada por uma revolução no mercado de capitais. Há uma nova estrutura de financiamento à disposição das empresas", completa o presidente da NET Serviços, Francisco Valim.

Com os cofres abertos, o setor produtivo empurrou a taxa de investimentos do país para 18,3% do PIB, item fundamental para alavancar o crescimento. "Trata-se de um avanço e tanto", destaca Cláudia Dionísio, economista do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Em vez de se aproveitarem do aumento do consumo para aumentar preços e, por tabela, seus lucros, como ocorria em um passado recente, os empresários estão se arriscando, apostando em seus negócios, aplicando capital próprio no aumento da produção, pois têm a certeza de que vão vender mais. De outro lado, os consumidores estão se endividando, porque acreditam que o risco de perderem o emprego está menor. Por isso, o consumo das famílias avança a um ritmo de 6% ao ano, há 16 trimestres consecutivos. "Estamos no ciclo virtuoso da economia", enfatiza Fernando Gaiger Silveira, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea).

Mas para que esse momento tão promissor da economia perdure é preciso coragem para tomar medidas impopulares, como o corte de gastos. "Não imaginava que, depois de tanto tempo, seria obrigado de novo a falar da importância da austeridade fiscal", diz o diretor-executivo do Banco Itaú, Sérgio Werlang, ex-diretor de Política Econômica do BC, numa clara referência à perda de R\$ 40 bilhões em receitas da Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira (CPMF).

É preciso também avançar em reformas como a tributária, previdenciária e trabalhista. "Os cénticos dizem que tudo o que foi colhido de positivo no governo Lula

deveu-se a decisões de governos anteriores e à conjuntura internacional favorável. Como os ventos que vêm de fora já não animam mais, chegou a hora do presidente mostrar que pode fazer a diferença. E tem três anos para isso", diz Nuno Câmara, economista do Dresdner Bank. Sandra Utsumi, economista-chefe do BES Investimento vai além: "As conquistas do país são inegáveis. Mas os riscos de se perdê-las são maiores do que muitos imaginam".



“
O PAÍS AFASTOU DE VEZ O RISCO DO CALOTE E AINDA CRIOU UM SEGURO QUE O DEIXA MAIS PROTEGIDO DAS TURBULÊNCIAS EXTERNAS
”

Carlos Thadeu Filho, da UFRJ

INFLAÇÃO (Em %)
Depois de debelar a hiperinflação em 1994, país consolida a estabilidade e leva inflação para o centro das metas definidas pelo governo

Dez/98	1,65
Dez/99	8,94
Dez/00	5,97
Dez/01	7,67
Dez/02	12,53
Dez/03	9,30
Dez/04	7,60
Dez/05	5,69
Dez/06	3,14
Dez/07 (*)	4,21
Dez/08 (*)	4,20

CRESCIMENTO DO PIB (Em %)
Brasil amplia taxas de expansão da economia. Mas ainda está longe da média dos países emergentes, que crescem cerca de 7% ao ano

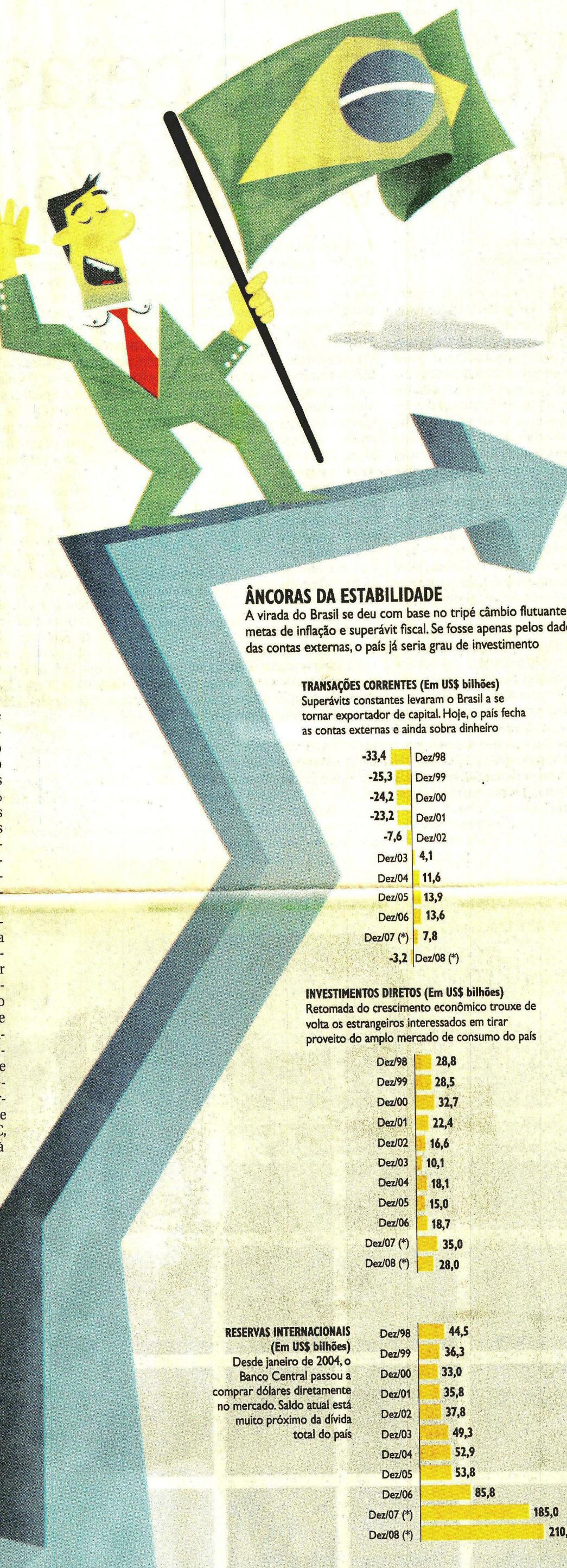
Dez/98	0,04
Dez/99	0,25
Dez/00	4,31
Dez/01	1,31
Dez/02	2,66
Dez/03	1,15
Dez/04	5,71
Dez/05	3,16
Dez/06	3,75
Dez/07 (*)	5,06
Dez/08 (*)	4,40

SUPERÁVIT PRIMÁRIO (Em % do PIB)
Governo passou a economizar parte das receitas para pagar juros da dívida. Com isso, afastou o risco de calote que tanto assustava os investidores

Dez/98	0,01
Dez/99	2,92
Dez/00	3,94
Dez/01	3,35
Dez/02	3,55
Dez/03	3,89
Dez/04	4,18
Dez/05	4,35
Dez/06	3,88
Dez/07 (*)	3,80
Dez/08 (*)	3,80

DÍVIDA PÚBLICA X PIB (Em %)
É um dos principais indicadores para medir a capacidade do país de honrar seus compromissos. O ideal é um índice abaixo de 40%

Dez/98	38,9
Dez/99	44,5
Dez/00	45,5
Dez/01	48,4
Dez/02	50,4
Dez/03	52,3
Dez/04	41,9
Dez/05	46,4
Dez/06	44,9
Dez/07 (*)	43,4
Dez/08 (*)	42,0



ÂNCORAS DA ESTABILIDADE

A virada do Brasil se deu com base no tripé câmbio flutuante, metas de inflação e superávit fiscal. Se fosse apenas pelos dados das contas externas, o país já seria grau de investimento

TRANSAÇÕES CORRENTES (Em US\$ bilhões)

Superávits constantes levaram o Brasil a se tornar exportador de capital. Hoje, o país fecha as contas externas e ainda sobra dinheiro

-33,4	Dez/98
-25,3	Dez/99
-24,2	Dez/00
-23,2	Dez/01
-7,6	Dez/02
4,1	Dez/03
11,6	Dez/04
13,9	Dez/05
13,6	Dez/06
7,8	Dez/07 (*)
-3,2	Dez/08 (*)

INVESTIMENTOS DIRETOS (Em US\$ bilhões)

Retomada do crescimento econômico trouxe de volta os estrangeiros interessados em tirar proveito do amplo mercado de consumo do país

28,8	Dez/98
28,5	Dez/99
32,7	Dez/00
22,4	Dez/01
16,6	Dez/02
10,1	Dez/03
18,1	Dez/04
15,0	Dez/05
18,7	Dez/06
35,0	Dez/07 (*)
28,0	Dez/08 (*)

RESERVAS INTERNACIONAIS (Em US\$ bilhões)

44,5	Dez/98
36,3	Dez/99
33,0	Dez/00
35,8	Dez/01
37,8	Dez/02
49,3	Dez/03
52,9	Dez/04
53,8	Dez/05
85,8	Dez/06
185,0	Dez/07 (*)
210,0	Dez/08 (*)